

A DINÂMICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS¹

Email:
mairaprados@gmail.com
casalavila@yahoo.com.br

Maíra Prado, Carlos Alberto Ávila Araújo

RESUMO

Esse trabalho busca compreender as práticas informacionais dos pesquisadores, no que tange a obtenção de informação e as práticas de produção científica. Os resultados demonstra que além dos meios mais consolidados para obtenção e atualização da informação, os pesquisadores tem se atentado a novas formas de perceber informações que são relevantes para a sua pesquisa, assim como uma preocupação de apresentar novos pensadores para pautar as reflexões na pesquisa. No que se refere as práticas de publicação científica, percebe-se que as agências reguladoras de pós-graduação influenciam a dinâmica de publicação, mas percebe-se que os pesquisadores também utilizam estratégias para conciliar essa demanda ao seu desejo pessoal.

Palavras-chave: Práticas informacionais. Produção científica. Pós-graduação.

ABSTRACT

This research search to understand the informational practices of the researchers, in what concerns the obtaining of information and the practices of scientific production. The results show consolidated means of obtaining and updating information, researchers have been attacking new ways of perceiving information that is relevant to their research, as well as a concern to present new thinkers to guide the research reflections. Regarding the practices of scientific publication, it is noticed that the regulatory agencies of post-graduation influence the dynamics of publication, but it is perceived that the researchers also use strategies to reconcile this demand to their personal desire.

Keywords: Informational practices. Scientific production. Postgraduate studies.

INTRODUÇÃO

Entre as atividades mais intrínsecas ao trabalho do pesquisador está a comunicação dos resultados da pesquisa, como um modo de prover a disseminação da produção do conhecimento. Autores como Latour (2011) e Hyland; Salager-Meyer (2008) já apontavam que entre as principais atividade está a produção de artigos, que registram contribuições para uma determinada área do conhecimento. Tal atividade tem por objetivo comunicar aos seus pares os

¹Universidade Federal de Minas Gerais

resultados da pesquisa, e, mais atualmente, também se destaca por estabelecer a produtividade do pesquisador na comunicação científica (REGO, 2014).

O registro da ciência torna-se importante por duas razões centrais, a primeira se relaciona com a conservação e preservação de resultados gerados na pesquisa, que possibilita o registro das observações, cálculos, teorias, etc. O segundo centra-se no ato de comunicar e de fazer que os registros circulem, possibilitando que a comunidade científica se aproprie do conhecimento e conseqüentemente, subsidie novos conhecimentos. (DROESCHER, SILVA, 2014).

Nesse sentido, a comunicação científica é fundamental para dar suporte a construção dos registros da ciência e tem composto os objetos de estudo da Ciência da Informação a partir da década de 1950, e desde então vários aspectos da atividade científica tem sido estudado. Iniciou-se com uma grande preocupação em mensuração da literatura científica, passando pelos fluxos da comunicação, até chegar nos impactos causado pelas tecnologias de informação (MULLER, PASSOS, 2010). Meadows (1999), explica que para o pesquisador produzir conhecimento e materializar a publicação científica, este deve se envolver em diversas etapas, tal como busca e seleção da literatura; autores utilizados na pesquisa; responsabilidade de autoria; idioma; seleção de canais para publicação; participação em grupos de pesquisa; comunicação com os pares; entre outros. Essa multiplicidade de aspectos sob a comunicação científica tem estimulado estudos dos atores centrais, os pesquisadores, que podem ser analisados em muitos estudos (GASQUES (2008), CUNHA (2009), KWON (2017), ROCHA (2018).

Diante disso, no Brasil, o ambiente propicio de produção de conhecimento e da decorrente centralidade da pesquisa é na pós-graduação (MANCEBO, 2013), que possui uma política de avaliação dos programas em todas as áreas do conhecimento, assim como propicia o fomento da pesquisa, representada principalmente pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior (Capes) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em meio as atividades a serem desenvolvidas pelos pesquisadores, os mesmos precisam estar atentos a uma série de normativas e portanto, busca-se nessa pesquisa compreender os referenciais que subsidiam os pesquisadores no processo de busca, uso, compartilhamento da produção científica. Essa necessidade surge principalmente em tentar compreender como estão sendo estabelecidas as atividades que dão suporte a produção científica e sua relação com o sistema científico a partir da percepção dos pesquisadores, já que diversos estudos tem apontado mudanças nos hábitos de busca, acesso e uso da informação científica (LEITE, 2012, 2014, PINTO; COSTA, 2018).

Assim, esse estudo, apresenta resultados parciais da pesquisa que tem o objetivo de compreender as práticas informacionais dos pesquisadores da pós-graduação na produção científica. Visto que a compreensão acerca das práticas informacionais está pautada em como os indivíduos dão sentido as suas ações informacionais diante das suas experiências pessoais e de sua relação com o mundo, dirigidas ao contexto e não somente ao modo de pensar dos indivíduos ((BERTI, ARAÚJO, 2017). O objetivo específico buscou compreender a percepção dos pesquisadores em torno da obtenção de informação e das práticas de publicação. O estudo foi realizado com pesquisadores pertencentes ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A escolha de um único grupo permite uma investigação mais minuciosa das características da área, já que cada área do conhecimento possui suas particularidades. Ademais, o interesse também foi atribuído ao nível de qualidade do programa de pós-graduação, que é uma variável importante para compreender se há interferências nas práticas informacionais.

2 A PERSPECTIVA DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS

A perspectiva das práticas informacionais integram campo dos estudos de usuários. Dentro do campo em questão, houve dois grandes marcos, sendo o primeiro em 1930, na Escola de Chicago, nos Estados Unidos, e posteriormente em 1948, durante a Conferência da *Royal Society*, na Inglaterra. No primeiro marco, os estudos de usuários se desenvolveram como instrumentos de administração de bibliotecas, que tinham como objetivo de aprimorar serviços e produtos oferecidos pelas bibliotecas. Ademais, esse tipo de estudo possuía um caráter fundamentalmente funcionalista (FIGUEIREDO, 1994; FERREIRA, 1997).

No segundo marco dos estudos de usuários, buscou-se desenvolver estudos focados em verificar como cientistas e técnicos procediam para obter informação. Para Dervin e Nilan (1986), o ponto principal dos estudos era planejar e desenvolver os sistemas de informação de forma mais orientada não mais para o sistema, mas satisfazendo as necessidades de seus usuários. Essa postura recebeu críticas por apresentar dados demasiadamente quantitativos. Isso levou a uma nova abordagem, o comportamento informacional, que objetivou a atenção “[...] nas causas das reações dos usuários da informação e na resolução de problemas informacionais, e tende a aplicar um enfoque mais holístico do que o método quantitativo (BAPTISTA; CUNHA, 2007, p. 173). Além disso, os aspectos subjetivos da experiência e do comportamento humano são evidenciados.

A abordagem alternativa, conhecida também como cognitivista, também recebeu críticas por não levar em consideração a coletividade, os aspectos sociais e culturais que envolvem os sujeitos, abrindo caminhos para a abordagem social, que condiz com o paradigma social proposto por Capurro (2003). Assim, a abordagem social dos estudos de usuários demarcou uma concepção da informação compreendida na inter subjetividade dos sujeitos, que busca preencher as lacunas deixadas pelas abordagens tradicionais e alternativas. (NUNES; CARNEIRO, 2019).

Na dimensão das práticas informacionais, Araújo (2012, p.149) observou que a interação aparece como um conceito-chave, pois se mostra como um conceito capaz de integrar o avanço do campo de estudo de usuários. A interação é compreendida como “[...] ação recíproca [...] põe em relevo o fato de uma ação ou influência exercida por algo pode ser também por esse algo”. Assim, assumindo essa noção de interação, Gandra e Araújo (2016) apontam algumas dimensões para compreender as práticas informacionais. A primeira representa a dimensão da coletividade. Segundo os autores, nós não estamos sozinhos no mundo, logo, toda e qualquer relação que estabelecemos é mediada por outra pessoa. A partir do nosso nascimento, incorporamos referenciais sociais, contraídos coletivamente e que são apreendidos por nós. Esses referenciais podem ser modificados ao longo do tempo por cada pessoas, ao mesmo tempo que recebe influência e os influencia também. Esse é um processo dialético que permeia os referenciais sociais e a subjetividade de cada sujeito. Além disso, há uma dimensão de singularidade nessa perspectiva, porque os fenômenos informacionais são investigados a partir de um contexto específico, temporal e situacional no qual eles ocorrem.

Lloyd (2010) aponta a importância de conhecer as teorias da prática para subsidiar os estudos de práticas dentro da área de Ciência da Informação, sendo que existe várias teorias da prática presentes nas ciências sociais e na filosofia, representada por Bourdieu, Wittgenstein,

Foucault, Knorr Cetina, Lave e Wenger entre outros. A autora apresenta suas reflexões a partir do site ontológico desenvolvido por Schatzki (2002), sendo que a vida social pode ser vista como um nexo de práticas, que são, por sua vez, constituídas por “*doing and saying*”, constituídas de conjuntos abertos e espaciais-temporais de ações organizadas de três maneiras. Primeiro, uma compreensão de como fazer as coisas (compreensão prática), por exemplo, explicando, questionando e descrevendo. Segundo, as regras, ou seja, as formulações que prescrevem, exigem ou instruem. Terceiro, características teleoafetivas que estruturam as emoções aceitáveis ou prescritas para os participantes na prática. A teleoafetividade descreve por que as coisas são feitas e leva em consideração os valores, crenças e esperanças que influenciam a maneira como uma prática prossegue e como o indivíduo pensou dentro da prática coletiva. A teleoafetividade é fundamental para a concepção da prática de Schatzki porque explica quando e porquê os indivíduos realizam uma ação, com base no “dever”, que estão condicionados ao sentimento de socialização (SCHATZKI, 1996).

Para Cox (2012) o conceito de prática é abstrato e apresenta desafios para a operacionalização na pesquisa. O supracitado autor busca apresentar uma interlocução das práticas com o campo da Ciência da Informação exemplificando por meio de fotografias familiares. O exemplo também é adequado para mostrar como dentro de uma prática familiar, o que é entendido como informação, é criada, usada e moldada no compartilhamento por essa prática particular, descentralizando a noção de necessidade de informação e busca, mas, sugerindo a reformulação do campo como informação na prática social. Fotografia familiar consiste em “fazer” fotos de certas pessoas em certas ocasiões, datando as impressões e colocando-os em álbuns, assim como as coisas que as pessoas dizem, ou não dizem, nas determinadas ocasiões.

Fazer fotografia familiar envolve certo entendimento prático de como enquadrar a foto no visor, saber como fazer alguém sorrir (dizendo ‘cheese’), além de saber como reagir quando alguém pede um sorriso (para compor a foto). Assim, isso é parcialmente uma habilidade e um entendimento das expectativas sociais. Um manual de câmera contém regras instruindo o uso da câmera e orientações sobre como tirar fotos. Uma tarefa pode ser composta por atividades de tirar foto ou criar um álbum. O projeto da fotografia da família envolve situações, como criar um álbum, ou coletar imagens da família para colocar no porta retrato. Dessa maneira, criar a coleção de fotos de família provoca o surgimento de sentimentos e reflexões. Um exemplo de entendimentos gerais pode ser crenças sobre a família, que são refletidas e negociadas na fotografia da família, mas também em muitas outras práticas sociais na sociedade.

Embora Cox (2012) prefira adotar o termo informação na prática social em vez de prática informacional, o autor percebe que as atividades de informação estão emaranhadas por meio de todas as práticas sociais, escapando da visão da informação orientada para o objetivo de busca, precisando compreender primeiro que dentro de qualquer prática, o que os atores sociais veem como informação, e assim, como eles encontra, usa, cria e compartilha informação. Dessa maneira, entender como o pesquisador vai originando a produção científica e desenvolvimento do trabalho científica, implica em compreender não só como o campo funciona, mas como seus agentes atuam dentro desse campo, como eles percebem as condições e determinações sociais das práticas científica, principalmente nessa pesquisa, de como os pesquisadores estão se orientando para produzir conhecimento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa e o método adotado para a análise dos dados foi a análise de conteúdo por Bardin (2011, p.40), que apresenta “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, cuja intenção “[...] é a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (BARDIN, 2011, p. 40). Assim, a análise de conteúdo, enfoca o tratamento de dado, visando “identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema” (VERGANA, 2005, p.7). O método foi importante porque ajudou a revelar pressupostos e valores que envolve as atividades informacionais dos pesquisadores que intervêm na produção científica.

Considerando o delineamento da análise de conteúdo, utilizou-se a modalidade análise temática, enfocando as unidades de sentido do texto, ou seja, os tópicos tratados (MARCONI, LAKATOS, 2018). Nessa concepção, apresenta-se duas categorias de análise para a pesquisa: obtenção de informação e práticas de publicação científica, pois essas atividades são intrínsecas ao ofício do pesquisador e necessárias para manutenção das pesquisas científicas.

Enquanto a técnica para a coleta de dados, utilizou a entrevista semi estruturada, pois trás reflexões do próprio sujeito sobre a realidade que vivenciada. Essa técnica constitui uma representação da realidade, ou seja, “[...] ideias, crenças, maneira de pensar; opiniões, sentimentos, maneiras de sentir, maneiras de atuar ; condutas; projeções para o futuro; razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamento (MINAYO, 2007, p.262). Por meio do site institucional do PPGCOM identificou-se um total de 34 docentes, entre permanentes e colaboradores, sendo que 12 aceitaram participar da investigação. A coleta de dados ocorreu a partir de entrevistas individuais realizadas *in loco*. Ressalta-se que as entrevistas foram concedidas nos meses de Abril e Maio de 2019, e posteriormente foram transcritas para estabelecer as categorias de análise. O PPGCOM inaugurou suas atividades em 1995, com a criação do curso de mestrado, e em 2003 iniciou o curso do doutorado. Atualmente a área de concentração do programa – Comunicação e Sociabilidade - demarca o interesse em investigações que abrange a comunicação e seus processos de interlocução e interfaces na vida social, por meio de seus componentes materiais, simbólicos e sociais. As pesquisas estão distribuídas em três linhas de pesquisa: Pragmáticas da imagem; Processos comunicativos e práticas sociais; e Textualidade mediática. Ressalta-se que a pesquisa e produção intelectual do PPGCOM possui inserção nacional e internacional, com avaliação qualificada pela CAPES (nota 6).

4 Resultados e discussão

Esta seção apresenta e discute os resultados da pesquisa. Com base na análise temática dos dados, apresenta a discussão acerca da obtenção da informação; e Práticas de publicação.

4.1 Obtenção de informação e atualização dos docentes

A informação é um recurso essencial para a vida do pesquisador, por meio dela, o pesquisador pode questionar, fundamentar e oferecer argumentos para as suas pesquisas, que dão suporte para que outras também sejam desenvolvidas. Para isso, o pesquisador precisa desenvolver hábitos e percepção a respeito de como chegar até essas fontes de informação. Nesse sentido, buscou-se nessa categoria revelar alguns caminhos percorridos pelos pesquisadores para obtenção de informação e o que os orienta a fazer esse percurso.

Entre os meios apontados pelos pesquisadores estão os eventos científicos, periódicos científicos nacionais e internacionais, livros físicos e digitais, grupos de pesquisa, festivais, amostra de filmes, catálogos, banca de tese e dissertações, anais de congresso, congressos nacionais e internacionais, workshops, base de dados como a Scielo, ebooks, portal de periódico Capes, contato com os pares, Google e suas bases de dados, lista de discussão, alerta do Google, hemerotecas, jornais, sites “piratas” e os próprios dados gerados pela pesquisada que desenvolvem. Conforme a entrevista 7 relata, “[...] é uma miscelânea de processos online e offline”.

Visando compreender de que maneira os pesquisadores identificam e usam esses recursos, algumas questões apontadas por eles foram esclarecedoras para entender essa dinâmica. Para o entrevistado 2,

“[...] Todo e qualquer produto da cultura, ele pode ser fonte. No meu processo de mestrado, eu encontrei meu objeto de estudo, caminhando pela rua, [...]. A condição para você encontrar esse tipo de coisa e incorporar ele como objeto de pesquisa, depende obviamente de certa construção, visão pessoal. Você pode olhar ali e vê uma coisa insignificante, ou você pode ver ali um material para a pesquisa. Isso depende muito do que você entende sobre ciência, pesquisa, política, como crítica [...].”

Diante desse relato, percebe-se que os pesquisadores não se relacionam somente com os meios formais de comunicação e espaços institucionalizados da ciência. Qualquer material de informação que faça sentido para o pesquisador podem ser utilizados como suporte informacional para pesquisa. No entanto, é importante ressaltar que o sentido é estabelecido a partir da construção pessoal, do significado dado para aquele objeto. Essa também pode ser entendida como a noção de *serendipity*, proposta por Mackenzie (2003), que considera o acesso as fontes de informação ao acaso, sem que as sujeitos estejam procurando por elas.

O entrevistado 4 expõe as razões de recursos mais consolidados, para ele “[...] o Scielo, por exemplo, é um indexador importante e permite que você inclusive trabalhe com a credibilidade, bem como as revistas pela classificação você já conhece os procedimentos editoriais e sabem das qualidades”. Em espaços mais formais, os pesquisadores recorrem a critérios que assegurem a confiabilidade da informação, ou seja, que eles reconhecem o procedimento de avaliação. Além disso, precisa-se destacar o uso de revista que possuem Qualis², que são um norteador para buscar informação. De acordo com o pesquisador 11

²Qualis é um conjunto de procedimentos estabelecidos por cada área de avaliação para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação”. BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ofício Circular nº 23/2015 – DAV/CAPES. Disponível em: <<http://uploads.capes.gov.br/files/OficioCircular23-AtualizacaoQualis.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

“[...] isso vem muito da minha formação com a minha ex orientadora. A minha ex orientadora, tem uma característica que eu acho muito boa, que ela olha muito para as publicações internacionais. Então ela sempre orientou a gente a olhar para periódicos com fator de impacto alto, a gente já sabe o nome desses grande periódicos e também o nome desses grandes congressos”.

Os orientadores são personagens que mantêm relações singulares, intersubjetivas, complexas e ricas em detalhes com os orientandos, e, desta convivência, resultam as pesquisas que contribuem para a sistematização e consolidação dos conhecimento científico em determinada área (LEITE FILHO; MARTINS, 2006). Desse modo, percebe-se que a maneira como os pesquisadores foram orientados durante a sua carreira sofre influência na busca da informação, fazendo com que esse pesquisador estabeleça um recorte em quais canais de comunicação vão recorrer e serão prioritários.

Os pesquisadores também foram questionados acerca do modo como se atualizam para fomentar suas pesquisas, para eles não houve muitas mudanças, a principal questão é o formato dos material, que agora apresentam-se com mais frequência em formato digital. O entrevistado 10 também expõe que,

“Ficar atento a outras formas de conhecimento, no grupo de pesquisa, mas também nas pesquisas individuais, tentar trabalhar com pesquisadores que não são os bam bam bans da área, tentar perceber pesquisadores de outras matrizes e que podem ser muito importante para revelar aspectos que essa epistemologia ocidental e europeia não dão conta”.

O relato aponta a questão dos detentores da figuração mundial das publicações científicas e da soberania epistemológica. A publicação científica pode ser entendida como um sistema de relações de interdependência integrado por diferentes atores (classificadores, grupos editoriais, produtores e compradores) com características e funções diversas, assim, esses fatores intervêm no modo de disponibilizar a publicação, principalmente quando o pesquisador pensa em como atender determinados critérios para a avaliação da pesquisa. Se por um lado é preciso reformular a estratégia de trabalho para a publicação, por outro, chama-se a atenção para os pensamento colonial.

As colônias representam um modelo de exclusão que permanece em nossa forma de pensar, e em nossos conceitos básicos e em nossas diretrizes fundamentais de operações do conhecimento, um pensamento que não deseja derivado e que envolva rupturas com as formas ocidentais de pensamento e ação (SANTOS, 2010). Assim, se manifesta a preocupação em recorrer a outros arcabouço teóricos, revelando outros pensadores que também possa contribuir para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, essa posição revela a divergência na estratégia utilizada pelo pesquisador, pois busca-senovas maneiras de ter acesso as fontes de informação, e também emerge esforços em apresentar reflexões originais das chamadas “comunidades periféricas”, revelando que há pesquisadores que optam por seguir suas próprias, divergindo das comunidades científicas chamadas de centrais.

4.2 Publicação científica

As práticas de publicação científica tomam forma a partir da área científica de origem e de suas características, no entanto, o comportamento da ciência é diversificado conforme o contexto do país em que está inserido. E não obstante, os próprios pesquisadores vislumbram esse ofício de maneiras diferentes, de acordo com a sua percepção.

Os pesquisadores reconhecem os periódicos científicos como o local principal de publicação, principalmente pela exigências do sistema de avaliação dos programas de pós-graduação, conforme o relato do entrevistado 1, “[...] essa política da Capes leva o pesquisador priorizar alguns endereçamentos para revistas mais qualificadas” e “[...] e impõe uma série de regras em relação a publicação. (entrevistado 10). Para que os cursos de pós-graduação *stricto sensu* se mantenham ativos, a Capes realiza avaliação quadrienal afim de verificar se as metas propostas no projeto inicial foram atingidas no âmbito do programa, impactando na nota do programas e levando ao descredenciamento, caso haja repetição de notas baixas. Assim, observa-se que as diretrizes estabelecidas para que os programas permaneçam em atividade influência nas práticas de publicação dos pesquisadores.

Em relação em qual locais os pesquisadores preferem publicar, pode-se constatar diferentes percepções, que são oriundas da maneira como eles se posicionam diante do ato de publicar. Foram apontados dois meios de publicação, livros e artigo de periódico. De acordo com o entrevistado 1

“[...] Bem, eu não sei, se for uma preferência sincera, eu prefiro catálogos, livros bem editados, que não seja simplesmente uma coletânea, mas que tenha uma consistência editorial, [...] são os lugares que eu percebo que eu sou mais lido. Que eu vejo as ideias circularem mais.

O mesmo ocorre com o entrevistado 2, que aponta estratégias nas suas práticas de publicação científica

“[...] Eu adoro publicar em livro, eu acho um prazer, mas o Qualis do livro é baixo. Então faço um pouco em livro e depois volto para as revistas indexadas e qualificadas. Você tem uma liberdade maior de espaço, aprofundamento de algumas discussões que é diferente da pesquisa. A natureza do produto é diferente, aí muda a escrita”.

Conforme apontado por esses entrevistados, o formato livro permite um espaço maior para a reflexão do autor, “[...] A elaboração do texto para o livro é diferente do artigo de periódico, porque normalmente ele tente a ter um formado bem mais característico, recortado etc. (entrevistado 5). Desse modo, as áreas do conhecimento têm preferências diferenciadas ao veículo mais apropriado para atingir seu público. Isso ocorre muito pelas características das áreas de conhecimento, as ciências exatas e naturais os resultados das investigações são expostos em artigos de revista, enquanto nas ciências humanas e sociais tais resultados aparecem mais frequentemente em formato de livro. Isso se deve ao esquemas conceituais das ciências humanas e sociais serem mais extensos e precisa complementa-los com outras formas de apresentação textual, por esse motivo a produção se materializa em forma de livro (HICKS, 1999; MULLER, 2005; VELHO, 2008).

No entanto, a publicação em livro possui algumas peculiaridades, que podem ser decisivas para a sua escolha. De acordo com o entrevistado 8

“[...] É mais fácil publicar em periódico. Por que organizar um livro é uma coisa meio chata, livro tem algumas inseguranças quando a gente vai publicar.

Em primeiro lugar, em relação o Qualis, porque você não sabe qual vai ser, porque depende da editora que você vai mandar, [...] depende de quem está organizando o livro, [...] quem mais está publicando o livro. Então a gente não tem muita segurança sobre isso.

Avaliar a produção na forma de livro é um exercício peculiar, visto que não existem exemplos no mundo de países que classifiquem livro. A avaliação de livros comporta singularidade diante aos periódicos, visto que para aferir a qualidade da produção existe os indicadores de circulação e impacto consolidados em bases e indexadores reconhecidos. No entanto, os livros não contam com bases bibliométricas e indexadores equivalente aos adotados para os periódicos. Assim, avaliar a produção intelectual dos programas veiculados por meio de livro requer o desenvolvimento de critérios e de novos instrumentos (MINISTERIO..., 2016).

As questões levantadas pelo Qualis do livro, podem ser complementadas pela entrevistada 9, que relata que *“[...] tem pesquisadores que preferem publicar em livros, mas isso não tem sido tão valorizado na hora que você vai avaliar o programa e ninguém entende direito como é QUE essa avaliação é feita, ainda que tem alguns critérios, parecem muito nebuloso pra nós”*.

A atualidade dos dados da pesquisa também foi apontada como um questão a ser ponderada, *“[...] o processo de leitura do livro normalmente é muito estendido, então dependendo do artigo que você manda, quando for publicado, ele já está velho, então isso também é um problema”*. (entrevistada 8).

A rapidez da publicação normalmente é menos importante para os livros científicos do que para os artigos de periódicos, no entanto, o conhecimento gerado em qualquer campo pode torna-se obsoleto conforme surge novas pesquisas. Um demora de mais de dois anos na publicação de um livro, já suscita questões de atualização do conteúdo. (MEADOWS, 1999).

O idioma em que as publicações circulam também é um fator importante colocado na discussão, para o entrevistado 5,

“[...] você tem que fazer uma mudança inclusive do tipo de pesquisa que se faz no Brasil. No exterior, os artigos são bem tópicos, com baixo grau de reflexão teórica, e distinta do que a gente faz aqui. Eles são muito quantitativistas, ou demandam demais que você faça pesquisa em função de temática publicadas no próprio periódico, assim você escreve em um periódico de língua inglesa, você tem que ter lido e incorporar na bibliográfica as coisas publicadas naquele próprio periódico. E isso vai contar para a publicação, porque se você não cita as coisas publicadas naquele periódicos, fatalmente, você vai receber um parecer negativo”.

O entrevistado 10 destaca que o idioma abarca algumas variáveis, como:

“[...] Tem um certo compromisso político com a escolha de certo idioma que você vai procurar, um posicionamento ideológico. Então se eu estou inclinado em participar com discussões que tem haver com certas epistemologia do sul ou subalternas, eu acho que eu tenho que publicar e procurar idiomas e revistas que estejam atentas a essa demanda política e claramente a gente vive em uma certa realidade acadêmica que privilegia, o inglês como idioma central. Tende a ser uma fator decisivo quando se escolhe em que idioma publicar.

A língua não é um instrumento neutro de comunicação, mas é uma forma de conceber a realidade e perceber o mundo. Assim, não há uma tradução perfeita de um idioma a outro, mas percebe-se que traduzir os termos das ciências que operam com linguagens universais não é complexo, enquanto a mesma situação não ocorre com as ciências humanas e sociais que operam com as línguas naturais. Outra questão que incide naturalmente na escolha do idioma recai sobre a natureza do objeto de estudo construídos pelas ciências humanas e sociais, que limita e circunscreve a dimensão externa do respectivo impacto da produção. Isso em razão de tratar de temas relativos às realidades mais “locais”, de âmbito definido por fatores espaço-temporais específicos, justifica a reduzido interesse e o pouco empenho de sua difusão em escala internacional (FIORIN, 2007).

Enquanto aos pesquisadores que declaram sua preferência por publicar em artigos de periódicos, existem alguns critérios expostos por eles. “[...] *Na verdade você publica de acordo com a indexação e você publica de acordo com o Qualis. Eu não publico em qualquer um, porque o exercício da produção é alto e como tem que pontuar no programa, você vai nas publicações mais altas*”. (Entrevistado 2).

A política estabelecida pela Capes para a avaliação dos programas de pós-graduação também acaba interferindo nos caminhos tomadas para a publicação científica. Os pesquisadores são compelidos a se preocuparem com índices, classificações, fatores de impacto, rankings e, principalmente, a lidar com situações que envolvem grau de competitividade entre programas (BIANCHETTI, VALLE, 2014). E isso, implica em estratégias para selecionar as revistas em que o trabalho será submetidos, assim como para medir a qualidade da publicação. A entrevistada 7 relata que publica,

“[...]nas revistas que são melhor avaliada na capes, no Brasil e fora, na base Scielo e na bases Scopus [...] E também por causa da circulação. [...] A primeira opção, quando a gente acha que pesquise muito boa a gente tenta a revista A1, depois desse pra A2, e se achar que tá ruim baixa para B1, agora, B2 não vale a pena por causa de pontuação”.

Em relação a publicação desses periódicos em outro idioma, os pesquisadores encontram algumas dificuldades como “[...] *alguma despesa que é de mandar traduzir, ainda que muitos de nós falem em outro idioma, aí escrever em outros idiomas eu acho que é um salto, que poucos de nós fazem isso*”. (entrevistada 8).

A crescente internacionalização do ensino superior tem feito as agências de fomento e as universidades pressionem pesquisadores a publicarem internacionalmente (MUELLER, 2000; MOROSINI, 2006). Visando aumentar a visibilidade da pesquisa local dentro do cenário acadêmico internacional. A publicação de auto impacto ocorre em inglês, a língua franca das ciências (HÜLMBAUER AT AL., 2008.). Assim, publicar em inglês, torna-se um desafio para os pesquisadores não nativos de inglês.

Destaca-se também que entre os entrevistados, um chamou a atenção para os meios de circulação da informação científica que têm sido evitados. Segundo o entrevistado 10,

“Eu percebo que atualmente as pessoas tem um certa resistência em publicar em anais, porque em geral isso conta muito pouco para a avaliação da Capes, então se é um evento que tenha a possibilidade de publicar em anais, eu acho

que em geral as pessoas preferem não publicar e emitir esse artigo para a revista que são mais bem qualificadas”.

Nesse sentido, Ribeiro e Targino (2012) explicam que há uma freqüente contestação de anais de eventos serem considerados inéditos ou originais, mas por outro lado, textos apresentados em encontros constitui uma pré-publicação e pode ser reformulado via críticas e sugestões dos pares visando á edição como artigo científico ou capítulo de livro. Entretanto, deduz-se que a cobrança por produtividade com o intuito de atender as exigências das agências de fomento influencia fortemente as práticas de publicação, e evidencia o cenário em que o pesquisador está imerso, ou seja, quais os confrontos que estão tendo que enfrentar, assim como as formas de condução de suas atividades e atuação dentro da comunidade científica.

5 Considerações Finais

O estudo sobre a prática de pesquisa analisa o âmbito de um dos atores centrais, os pesquisadores, mostra como a pesquisa está inserida dentro de arenas de lutas e como sua instituição é influenciada pelo seu espaço. Assim, entender as práticas informacionais no contexto científico há um empenho em perceber a interação dos sujeitos e como eles compreender as atividades desenvolvidas, revelando a esfera política e social que perpassa a produção científica.

Na categoria de análise sobre a obtenção de informação foram assinalados diversos meios formais, que são conhecidos por sua consolidação no meio científico. No entanto, alguns pesquisadores chamaram atenção para outras formas de conhecimento, ou seja, a informação pode estar contida em qualquer objeto, mas isso vai depender da percepção do pesquisador. Além do mais, há um esforço em procurar novas reflexões dos pensadores, o que demonstra uma busca para evidenciar novos pensamentos que possam subsidiar as pesquisa.

No que tange à categoria sobre publicação científica, pode-se inferir que atual sistema de pós-graduação vem influenciando a produção científica. Percebe-se uma preferência maior por alguns canais de publicação, principalmente com indicadores que assegurem a sua qualidade, e isso, torna um ciclo vicioso, pois se os pesquisadores querem se manter nos programas de pesquisa, em alguma medida ele precisa ampliar as relações nacionais e internacionais, preocupando-se em publicar em outro idioma, especialmente na língua inglesa. No entanto, os mesmo desenvolve critérios estratégicos, tanto para atender as exigências da pós-graduação, como para a sua satisfação pessoal. Essas são alguns perspectivas que perpassa as práticas informacionais na produção científica, captando como os pesquisadores interagem no âmbito científico, influenciando e sendo influenciado nas atividades de produção científica. Contudo, há outras esferas que serão investigadas nessa pesquisa, como o uso e o compartilhamento da informação, apresentando uma visão holística acerca da produção científica.

Referências

ARAÚJO, C. A. **A.O que é ciência da informação?**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARAÚJO, C. A. A. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.22, n.1, p. 145-159, jan./abr. 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 168-184, Aug. 2007

BERTI, C. L. W.; ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando?. **Informação & Informação**, Londrina, v.22, n.2, 2017.

BIANCHETTI, L. B.; VALLE, I. R. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.22, n.82, p.89-110, jan./mar. 2014.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ofício Circular nº23/2015 – DAV/CAPES. Disponível em: <<http://uploads.capes.gov.br/files/OficioCircular23-AtualizacaoQualis.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2019

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003. Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CARNEIRO, B. L. F.; NUNES, J. V. Dos estudos de usuários à noção de práticas informacionais: contribuições da teoria da prática. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v.9, n.2, p.150-168, set. 2018/fev.2019.

COX, A. M. An exploration of the practice approach and its place in information science. **Journal of Information Science**, New York, v. 38, n. 2, p. 176-188. 2012.

DERVIN, Brenda; NILAN, Michael. Information needs and uses. In: WILLIAMS, Martha. **Annual Review of Information Science and Technology**. Chicago: Knowledge Industry Publications, 1986.

DROESCHER, F. D.; SILVA, E. L. O pesquisador e a produção científica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.19, n.1, p.170-189, jan./mar.2014.

FERREIRA, S. M. S. P. **Estudo de necessidade de informação**: dos paradigmas tradicionais à abordagem sense-making. Porto Alegre, 1997. Disponível em: www.eca.usp.br/nucleos/sense/textos/. Acesso em: 14 mai. 2018.

FIGUEIREDO, N. M. **Estudo de uso e usuários da informação**. Brasília: IBICT, 1994.

FIORIN, J. L. Internacionalização da produção científica: a publicação de trabalhos de Ciências Humanas e Sociais em periódicos internacionais. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v.4, n.8, 2007.

GANDRA, T. K.; ARAÚJO, C. A. A. Práticas informacionais dos visitantes do Museu Itinerante Ponto UFMG. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 201-226. 2016.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. O papel da experiência na aprendizagem: perspectivas na busca e no uso da informação. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 149-158, Aug. 2008.

GRÁCIO, M. C. C.; OLIVEIRA, E. F. T. de. Produção e comunicação da informação em CT&I GT7 DA ANCIB: análise bibliométrica no período 2003/2009. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DA ANCIB (ENANCIB), 11, 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos....** Rio de Janeiro: ANCIB, 2010. v. 11. p. 1-20. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xienancib/paper/viewFile/3537/2662>. Acesso em: 25 maio, 2019.

HICKS, D. The difficulty of achieving full coverage of international socialscience literature and bibliometric consequences. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 44, n. 2, p. 193-215, 1999.

HÜLMBAUER, C.; BÖHRINGER H.; SEIDLHOFER, B. Introducing English as a língua franca (ELF): Precursors and partner in intercultural communication. **Synergies Europe**, France, v.3, p.25-36, 2008.

HYLAND, K.; SALAGER-MEYER, F. Scientific writing. **Annual Review of Information Science and Technology**, New York, v.42, n.1, 2009.

KWON, N. How work positions affect the research activity and informacional behavior of laboratory scientists in the research lifecycle: applying activity theory. **IRinformation research**, Borås, v.22, n.1, mar. 2017.

LATOR, B.; WOOLGAR, S. **Laboratory Life: The Social Construction of Scientific Facts**. Beverly Hills: Sage, 1979.

LEITE, F. C.L. Práticas de busca, acesso e disseminação da informação científica de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, n.13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Ancib, 2012. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/paper/viewFile/3825/2948>. Acesso em: 13 de jan. 2019.

LEITE, F. C. L. Busca, acesso e disseminação da informação científica de cientistas, cientistas sociais e humanistas. **Biblios**, Lima, n.57, 2014.

LEITE FILHO, Geraldo Alemandro; MARTINS, Gilberto de Andrade. Relação orientador-orientando e suas influências na elaboração de teses e dissertações. **RAE - Revista de Administração de Empresa**, São Paulo, v. 46, n. spe, p. 99-109, Dec. 2006.

LLOYD, A. Framing information literacy as information practice: site ontology and practice theory. **Journal of Documentation**, v. 66, n. 2, 2010, p. 245-258.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2018.

MCKENZIE, P. J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, Bingley, v.59, n. 1, p.19-40, 2003.

MEADOWNS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Considerações sobre classificação de livros.2016. Disponível em:

https://www.capes.gov.br/images/documentos/classifica%C3%A7%C3%A3o_de_livros_2017/46_ENSI_class_livros_jan2017.pdf. Acesso em: 15 maio. 2019.

MOROSINI, M.C. Estado do conhecimento sobre a internacionalização da educação superior: conceitos e práticas. **Educar em Revista**, Curitiba, n.28, p.107-124, 2006.

MUELLER, S. P. M.; PASSOS, E. J. L.. As questões da comunicação científica e a ciência da informação. In: MUELLER, Suzana P. M.; PASSOS, Edilenice J. L. (Orgs.). **Comunicação científica**. Brasília: Ciência da Informação, 2000.

MUELLER, S. P. M. A publicação da ciência: áreas científicas e seus canais preferenciais. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, fev./2005.

PINHEIRO, V. R. P. Constituição epistemológica e social da comunicação científica no Brasil. In: **Múltiplas facetas da comunicação e divulgação científica: transformações em cinco séculos**, PINHEIRO, I. V. R.; OLIVEIRA, E. C. P. (Orgs.). Brasília: Ibict, 2012.

PINTO, C.S.; COSTA, J.L. Padrões de comunicação em diferentes comunidades científicas. In: COSTA, S. M. S.; LEITE, F. C. L.; TAVARES, R. B. (org.). **Comunicação da informação, gestão da informação e gestão do conhecimento**. Ana Matilde Fauat ... [et al.] -- Brasília : Ibict, 2018.

REGO, T. C. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n.2, p.325-346, abr./jun.2014.

ROCHA, J. A P. **A produção do conhecimento como cognição distribuída: práticas informacionais no fazer científico**. 2018. 210f. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2018.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHATZKI, T. R. **Social Practices: A Wittgensteinian Approach to Human Activity and the Social.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SCHATZKI, T. R. **The Site of the Social: a philosophical account of the constitution of social life and change.** University Park, PA: The Pennsylvania State University Press, 2002.

SILVA, E. L.; TAVARES, A. L. L.; PEREIRA, J. P. S. O estado da arte da pesquisa sobre comunicação científica (1996-2006) realizada no Brasil no âmbito da Ciência da Informação. **TransInformação**, Campinas, n.22, v.3, p.207-223, set./dez., 2010.

TAGINO, M. G; GARCIA, J. C. R. Conceitos de inédito e original: uso e implicações na comunicação científica. **DataGrazaZero**, Rio de Janeiro, v.13, n.6, dez.12.

VELHO, L. Ciências, publicações e avaliação. In: HOFFMANN, W. A. M.; FURNIVAL, A. C. M. **Olhar: Ciência, Tecnologia e Sociedade.** São Paulo: Pedro de João Editores/CECH – UFSCar, 2008.

VERGARA, S. C. B. **Métodos de Pesquisa em Administração.** São Paulo: Atlas, 2015.